

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL DO CENTRO PEDAGÓGICO: LIMITES E ARRANJOS

LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ENSEÑANZA A DISTANCIA DE EMERGENCIA EN EL CENTRO PEDAGÓGICO: LÍMITES Y ARREGLOS

THE PHYSICAL EDUCATION CENTER IN EMERGENCY REMOTE TEACHING IN THE PEDAGOGICAL CENTER: LIMITS AND ARRANGEMENTS

Amanda Fonseca Soares Freitas¹
Bruno Silva Nigri²
Fabrine Leonard Silva³
Giovanna Camila da Silva⁴
Guilherme Carvalho Franco da Silveira⁵
Túlio Campos⁶

RESUMO: A pandemia provocada pela Covid-19 desafiou e demandou novos arranjos para a humanidade enfrentá-la e manter minimamente seus modos de viver. No campo da Educação, do qual destacamos a Educação Física, não foi diferente. O presente artigo objetiva a partilha das experiências dos professores do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico/UFMG no enfrentamento da pandemia com o Ensino Remoto Emergencial implementado nessa escola. Os rearranjos pedagógicos e tecnológicos para se pensar o corpo e o movimento no ensino da Educação Física são aqui relatados a partir da organização empregada nos três ciclos de formação humana da escola.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial; Educação Física; Pandemia.

RESUMEN: La pandemia provocada por el Covid-19 interpeló y exigió nuevos arreglos a la humanidad para enfrentarla y mantener mínimamente sus formas de vivir. En el campo de la Educación, del que destacamos la Educación Física, no fue diferente. Este artículo tiene como objetivo compartir las experiencias de docentes del Centro de Educación Física del Centro Pedagógico/UFMG frente a la pandemia con la Enseñanza a Distancia de Emergencia implementada en esta escuela. Se relatan aquí los reordenamientos pedagógicos y tecnológicos para pensar el cuerpo y el movimiento en la enseñanza de la Educación Física a partir de la organización utilizada en los tres ciclos de formación humana en la escuela.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza remota de emergencia; Educación Física; Pandemia.

¹ Doutora em Educação (PUC/MG) e Professora do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico. E-mail: amandacpef@hotmail.com

² Mestre em Estudos do Lazer pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Professor do Núcleo de Educação Física. E-mail: bsnigri@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG e Professor do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico. E-mail: fabrines@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG e Professora do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico. E-mail: giovannaufmg@yahoo.com.br

⁵ Doutor em Estudos do Lazer pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Professor do Núcleo de Educação Física. E-mail: guilherme.c.f.s@hotmail.com

⁶ Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG e Professor do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico. E-mail: tulio.camposcp@gmail.com

ABSTRACT: The pandemic caused by Covid-19 challenged and demanded new arrangements for humanity to face it and minimally maintain its ways of living. In the field of Education, from which we highlight Physical Education, it was no different. This article aims to share the experiences of teachers from the Physical Education Center of the Centro Pedagógico/UFMG in facing the pandemic with Emergency Remote Teaching implemented in this school. The pedagogical and technological rearrangements to think about the body and the movement in the teaching of Physical Education are reported here from the organization used in the three cycles of human formation at the school.

KEYWORDS: Emergency remote teaching; Physical education; Pandemic.

Introdução

É inegável que a pandemia provocada pela Covid-19 tem sido uma situação grave, urgente e inédita para a escola e todos que dela participam: professores, estudantes, familiares, gestores, funcionários, técnicos etc. Tivemos que tomar decisões rápidas, nos manifestar, nos adaptar, pois, caso contrário, afundaríamos. Então, nos elevamos, descobrimos como passar por isso juntos. As famílias, em conjunto com a escola, tiveram que se adequar ao chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE) e acabaram se aproximando mais. A palavra ‘remoto’, por sua vez, quer dizer ‘distante’, ‘afastado’. Mesmo distanciados presencialmente da escola e das pessoas, de que forma conseguimos nos aproximar? Dentro das casas, professores e estudantes, diretores e técnicos, pais e filhos, foram se dividindo entre trabalho, cuidado e lazer; entre tarefas escolares e afazeres da casa, entre brincar e brigar, entre rir e chorar, entre esmorecer e esperar. Criamos rotinas que provocaram o surgimento de novas experiências em família e o fortalecimento de outras relações com a escola mediadas, desta vez, pelas tecnologias digitais: computador, celular, tablet.

Na estrutura do ERE pensada para os três ciclos de formação humana da escola, a carga horária das disciplinas foi organizada em aulas síncronas e atividades assíncronas. Apesar de o CP ter oferecido condições de participação às famílias que necessitavam (bolsa internet e empréstimo de notebooks), garantindo acesso ao ensino remoto a todos os estudantes, sem exceção, lidamos com os desafios relacionados ao uso das tecnologias digitais pelos estudantes e suas famílias, principalmente aqueles de acesso ao Moodle - plataforma utilizada pelo Centro Pedagógico no ERE -, e ainda com dificuldades na realização de atividades assíncronas, seja em função de alguma complexidade por elas exigidas, seja pela necessidade de presença e/ou acompanhamento de adultos que algumas demandavam.

Um desafio particular para os professores de Educação Física foi lidar com o corpo e o movimento nesse novo cenário. Cássia Alvin e Marcus Taborda de Oliveira (2006) comentam sobre a corporalidade como expressão criativa e consciente de uma pluralidade de manifestações corporais produzidas na história, que intenciona promover a interlocução de diferentes sujeitos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio. “Essas manifestações constituem-se códigos simbólicos por meio dos quais os indivíduos, em interação com outros e com o meio cultural e social, produzem possibilidades de comunicação por gestos, posturas, olhares e atitudes” (ALVIN; TABORDA DE OLIVEIRA, 2006, p. 197). Com o advento do ERE, perdemos a materialidade dos corpos. Suas múltiplas expressões e sua visibilidade como suporte da nossa humanidade, como registro da cultura, apresentaram-se fugídias nas aulas. A partir do contexto de impedimentos enfrentados pela Educação Física escolar, apresentamos nesse artigo experiências que construímos com a disciplina no Centro Pedagógico (CP), quando implicados a operar com o ensino remoto⁷.

A especificidade da Educação Física no 1º Ciclo (1º, 2º e 3º anos escolares)⁸

Para pensar a experiência das crianças com o universo das práticas corporais, consideramos imprescindível pensar qual conceito de infância vamos utilizar. Em sua obra *Rua de Mão Única: Infância Berlinense:1900*, Benjamin (2013) nos chama a atenção de como as crianças, à sua maneira, produzem possibilidades de significar e ressignificar o mundo em diálogo com os detalhes do cotidiano: os objetos, os brinquedos, os lugares secretos, os livros etc. Nesse sentido, o autor anuncia a infância como categoria central da história, em que a criança produz cultura e é também produzida na cultura (BENJAMIN, 1994).

Consideramos a Educação Física como uma forma de expressão da **linguagem**, ou seja, como um conjunto de conhecimentos, construídos e sistematizados, a partir de um específico **modo de discurso**: o movimento. Estes conhecimentos são formados por signos sociais que constituíram e constituem formas de expressão de um determinado grupo social, num tempo e espaço específicos. Sendo assim, vivenciar os conhecimentos específicos da Educação Física na escola é ampliar as possibilidades de expressão da linguagem; é estabelecer outras interações (com outros objetos, com outros colegas e

⁷ O termo *experiência* é cunhado de Larrosa Bondía para quem a experiência “é (...) aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (2002, p.26).

⁸ No ensino remoto emergencial, a disciplina de Educação Física para as turmas do 1º ciclo foi desenvolvida pelos professores Túlio Campos, Bruno Silva Nigri e pela professora Amanda Fonseca Soares Freitas.

professor, com outros espaços), conhecendo os saberes produzidos nesta área de conhecimento reconhecendo-se como sujeito na construção e reconstrução dos conhecimentos.

Diante da suspensão das aulas presenciais, devido à pandemia provocada pelo COVID-19, as crianças estavam em suas casas, interagindo principalmente com os objetos e espaços disponíveis em seu lar; e tendo que buscar relacionar-se com outros espaços, principalmente o virtual. Nesse momento então, nossas propostas de ensino também tiveram que se adaptar a esse contexto sem deixar de dialogar com nossos princípios: (a) saber-fazer; (b) Saber-sobre, (c) saber-apreciar e (d) Saber-relacionar-se”.

Como forma de implementar o ensino de alguns possíveis conteúdos disponibilizados no ensino remoto, optamos por organizá-los em projetos de ensino, mantendo nossa proposta curricular já realizada no ensino presencial. Como vamos explorar os espaços e os objetos com os conhecimentos da Educação Física? Como tais espaços e objetos serão suporte para o conhecimento? Estes foram nossos desafios para ampliarmos as possibilidades de experiência do corpo com a casa e sua materialidade.

Nas aulas⁹ exploramos possibilidades de expressão do corpo em diferentes condições espaciais e materiais da casa, redescobrimo-o, ressignificando-o e imaginando-o. O brincar foi nosso foco. O brincar perpassou os outros conhecimentos que fazem parte da Educação Física, como: as Danças, os Jogos e brincadeiras, os Esportes, as Ginásticas, as Práticas Corporais de Aventuras e as Lutas.

O projeto “Eu, ginasta!”¹⁰, foi realizado com as turmas do 1º ano/2021 e tinha como proposta provocar as crianças a conhecerem seus corpos pela ginástica, explorando algumas capacidades físicas como força, velocidade, agilidade, flexibilidade. Tal proposta sugeriu a utilização de diferentes brincadeiras e movimentos, utilizando materiais da casa como almofadas, cadeiras, colchões, mesas, dentre outros.

Nas turmas do 2º ano/2021 um dos projetos realizados foi “Meu Corpo, Minha Casa”, com a proposta de explorar com o corpo diferentes espaços e objetos disponíveis

⁹ Dentre as ações síncronas realizadas, adaptamos para o ambiente virtual (via plataformas de webconferência Meet e BigBlueButton) várias brincadeiras e brinquedos, danças, ginástica, atletismo e práticas corporais africanas/afro-brasileiras. Já nas intervenções assíncronas, optamos pela linguagem digital das videoaulas, que foram produzidas no ambiente da casa dos professores, armazenadas em um canal exclusivo criado no Youtube e compartilhadas no Moodle do Centro Pedagógico via links da plataforma. Os vídeos do canal estão em modo “não listado”, o que significa que só pode acessar o conteúdo quem tiver os links dos vídeos, no caso, pessoas que tiveram relação direta ou indireta com o material publicado (crianças, familiares, professores e monitores). Essa produção, ao longo de todo ERE do ciclo, inventariou 169 videoaulas e vídeos de registros com as crianças.

¹⁰ Acesse aqui uma das videoaulas do projeto “Eu, ginasta!” - Aula EF 21 1º ano - Brincadeiras de agilidade e velocidade – link: https://youtu.be/KO1ul-np_9s, acesso em 28/03/22.

na casa. Nas aulas, brincadeiras como “Cabaninha”, “Caça ao Tesouro”, “Construção de brinquedos”¹¹, “Cama de Gato”, “Esconde-Esconde” dentre outras, eram compartilhadas em parceria com as famílias, buscando no cotidiano ampliar as possibilidades de interações na relação “Meu Corpo, Minha Casa”.

Já nas turmas do 3º ano/2021, o projeto “Práticas corporais de matriz africana e afro-brasileira” foi uma ação que obteve muito retorno das famílias. Este projeto teve como objetivo a promoção do acesso e a valorização de práticas corporais como “capoeira”, o “maculelê”, e algumas brincadeiras africanas como o “Kudoda”¹² (Zimbábue).

A especificidade da Educação Física no 2º Ciclo (4º, 5º e 6º anos escolares)¹³

Durante o ensino remoto, as aulas de Educação Física no segundo Ciclo foram organizadas para que os alunos continuassem, mesmo que virtualmente, com a experimentação das práticas corporais, agora sob um novo formato: uma aula semanal ao vivo de 45 minutos e a postagem de atividades que foram feitas sob a supervisão da família. Para tanto, foram organizadas unidades de trabalho com periodicidade mensal.

Na aula ao vivo as atividades tinham como objetivo oferecer às crianças possibilidades de movimentarem-se, de brincarem e de se cuidarem, de se autoperceberem. Por meio de um personagem fictício – o *Asdrubal* –, *viajamos* com ele para diferentes lugares ao redor do mundo e, em cada lugar, *ele* nos convidava a experimentar nosso corpo e vários movimentos e não movimentos de maneiras diferentes. As paisagens africanas, do Grand Canyon, da Antártida; suas músicas e seus sons e, principalmente, as pessoas que lá moravam, sua maneira de viver serviu para que o *Asdrubal* convidasse as turmas para dançarem, para gíngarem e para jogarem sob a batuta dessa cultura. Os materiais audiovisuais foram ferramentas fundamentais para provocar a vivência e o mergulho dos alunos no universo sugerido.

Em diálogo com esse contexto, as atividades postadas no moodle deram continuidade àquelas experiências vividas na aula online. A orientação para a construção de brinquedos e jogos; a escolha de vídeos, de filmes e ou de animações foram organizadas visando ampliar o conhecimento do tema desenvolvido na unidade de ensino

¹¹ “Aula 4 - EF 2º ano – Construção de brinquedos: paraquedas” https://youtu.be/_4GhEL-aHLs, acesso em 28/03/22.

¹² “Aula 27 do 3º ano EF CP – Brincadeiras Africanas” <https://youtu.be/yooYv9z0Ffs>, acesso em 28/03/22.

¹³ No ensino remoto emergencial, a disciplina de Educação Física para as turmas do 2º ciclo foi desenvolvida pelo professor Fabrine Leonard Silva e pelo professor Leonardo José Jeber.

em destaque. A organização das atividades e sua postagem na plataforma teve como função, em primeiro lugar, facilitar o exercício dos pais de mediar, naquele momento, o processo de construção de saberes de seus filhos sobre o conhecimento trabalhado.

Na unidade *Práticas Corporais Indígenas* fomos levados pelo *Asdrubal* a conhecer mais sobre pessoas que moram e vivem junto à natureza e, conseqüentemente, percebem o mundo de uma outra forma. Como é (ou seria) o simples movimento de respirar, de tomada de consciência desse movimento; quais são os cheiros, os aromas? Como deve ser o brincar, o jogar a partir de uma orgânica relação com os elementos que compõem aquele ambiente – as árvores, a terra, os rios e riachos, os animais, as pessoas etc. –? Durante as aulas online, as crianças foram convidadas a imaginarem-se por lá correndo pela terra e sentindo sua temperatura por meio da sola dos seus pés. Outra vez nos confundimos com os animais que encontrávamos pelo caminho e subíamos em pedras, em árvores lentamente como um bicho preguiça ou espertamente como um macaco. Depois da corrida, o *Asdrubal* chamava atenção das crianças para o som da água, ou para a sombra de uma árvore para descansar e absorver a aventura daquele dia. Depois de compartilhar o “passeio na floresta”, a atividade sugerida na plataforma foi a de construir uma peteca e brincar com sua família.

Em outro projeto, *A África: suas pessoas e o que elas fazem por lá*, *Asdrubal* convidou a turma a se embrenharem em regiões ainda verdes e com muitas árvores com outros animais e suas características peculiares. Assistimos a algumas danças, como as pessoas se vestiam para estar lá, como se sentiam estando ali dançando ao céu e com outras pessoas. Experimentamos alguns movimentos a partir das batidas de um tambor e fomos descobrindo como nosso corpo *auscultava* aquele som e como ele convidava nosso corpo a se mexer, a falar... foi incrível!!! Descobrimos que alguns jogos de tabuleiro foram originados das várias lendas e histórias contadas pelos ancestrais daquelas pessoas. Além da história, aprendemos a construir tabuleiros e peças para fazer alguns jogos.

A especificidade da Educação Física no 3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos escolares)¹⁴

¹⁴ No ensino remoto emergencial, a disciplina de Educação Física para as turmas do 3º ciclo foi desenvolvida pela professora Giovanna Camila da Silva e pelo professor Guilherme Carvalho Franco da Silveira.

Saberes que têm centralidade nas experiências corporais, sobretudo vivenciadas coletivamente, compõem a especificidade da Educação Física como componente curricular. Diante dessa compreensão e das imposições da pandemia para a educação escolar, nos perguntávamos: Como pensar uma Educação Física que não perdesse sua relação com a cultura? Como não perder de vista a compreensão do movimento e do corpo como linguagens? Como evitar a configuração da aula como prescrição de exercícios físicos? Como produzir tarefas para serem realizadas em casa com algum significado interno à disciplina e com estabelecimento de sentidos para as turmas?

Não bastassem essas questões, nos deparamos com turmas, no terceiro ciclo, em que boa parte das câmeras e dos microfones dos estudantes se encontravam desligados, o que limitou significativamente as interações estudante-estudante e estudante-professor tão importantes para as experiências da Educação Física escolar. Diante de tal realidade, um aspecto foi condutor no processo: entendemos que não se tratava de transpor para o ensino remoto as práticas pedagógicas da Educação Física presencial. Era preciso inventar uma outra *maneira de fazer* (CERTEAU, 1992). Em um trabalho de parceria, procuramos não ocupar um lugar de apenas encontrar possibilidades de reprodução daquilo que já conhecíamos ou fazíamos. Tentamos compreender as exigências trazidas pela pandemia para o ensino e para a escola como necessidade de sermos autores de novas práticas, de nos apropriarmos de um repertório de teorias e experiências e forjar uma Educação Física que produzisse significados para as turmas e que pudéssemos nos reconhecer como docentes.

Nesse contexto de experiência com o terceiro ciclo, destacamos três eixos centrais da nossa organização para a Educação Física que se sustentaria numa contínua interlocução com os estudantes durante o ensino remoto. O primeiro refere-se ao tratamento conceitual de temas de forma que os estudantes se reconhecessem, tivessem o que dizer e se sentissem provocados para o diálogo. Entre as turmas de 7º, 8º e 9º anos, a relação esporte e sociedade foi tratada a partir do debate relativo à presença do racismo, das questões de gênero, da violência, da corrupção e de substâncias ilícitas nas práticas esportivas; por ocasião dos jogos olímpicos promovemos bate papos com convidados sobre assuntos que tiveram repercussão midiática como a prática de skate, o treinamento de atletas olímpicos, os cuidados com a saúde mental; os aspectos culturais e sociais do lazer foram mobilizados a partir das especificidades do contexto da pandemia

e das alterações nos modos de ocupação do tempo livre dos estudantes, monitores e docentes, para citar algumas experiências.

O segundo aspecto diz respeito à mobilização do brincar e do jogar como linguagem que tanto permitiu uma interação entre alunos-alunos, alunos-professores, alunos-monitores, monitores-professores, quanto tocou em aspectos da cultura. Ao trabalhar o jogo como elemento cultural, inventamos maneiras de vivenciar brincadeiras pelas telas, criamos outros modos de praticar jogos já conhecidos, produzimos tabuleiros criativos a partir de materiais disponíveis em casa. Ao abordar os jogos eletrônicos, entendemos seu evidente crescimento na pandemia, experenciamos jogos de vídeo game de outros tempos, partilhamos estratégias. Destacamos a realização dos Jogos Internos Virtuais, em 2021¹⁵.

O terceiro aspecto se refere à proposta de experimentação, em casa, como atividade assíncrona, de algumas práticas corporais que pudessem ser compartilhadas com familiares, que demandassem espaço ou materiais a que qualquer estudante tivesse acesso e que provocassem o diálogo com as aulas síncronas. Em várias situações, recebemos relatos, vídeos e fotos das famílias dos estudantes se envolvendo nas experimentações propostas. Assim, por exemplo, algumas práticas circenses, como o ilusionismo, o equilibrismo, o malabarismo, foram propostas para serem vivenciadas feitas em casa, uma vez que podiam ser realizadas em qualquer espaço e com materiais disponíveis ou construídos em casa (garrafas pet, bolas de meia, etc.), e possibilitavam o diálogo com o conteúdo desenvolvido nas aulas síncronas.

Enfim, entendemos que o ensino remoto da Educação Física no terceiro ciclo do CP intencionou construir aprendizagens significativas para e com os estudantes, ainda que não tenha conseguido alcançar a riqueza e a diversidade de experiências, aprendizagens e interações proporcionadas pelo ensino presencial.

Considerações finais

¹⁵ Embora uma vivência distinta dos Jogos Internos presenciais, porque as modalidades ficaram restritas a cada ano escolar e não permitiram a mesma animação e interação entre “jogadores e torcedores”, entendemos que foi significativa. A perspectiva de envolver os estudantes com a reflexão sobre os princípios do esporte escolar e de lazer - motivo pelo qual apenas jogos gratuitos e acessíveis a todos foram incluídos -, com o debate sobre o direito de todos à participação sem exclusão por habilidade ou qualquer outra característica pessoal ou social, com a discussão sobre os riscos das comunidades tóxicas nos jogos on-line, além da produção de logos, jornais e sites para os jogos virtuais, significaram uma experiência para além da mera prática dos jogos.

A escrita coletiva deste texto foi pautada no entendimento de que era possível a aproximação das nossas experiências e o compartilhamento de aprendizagens construídas na Educação Física durante o período de isolamento e ensino remoto e expressas em diversas formas de linguagem (leitura, fala, brincadeira, música, dança, desenho, vídeo, receita, história, jogo etc.). O exercício de sistematizar o modo como as relações e interações foram se modificando e transformando os processos de ensino da disciplina nos levou a uma reflexão também sobre o tempo presente, ainda de pandemia, mas de retorno ao ensino presencial. Temos nos indagado e vivenciado cotidianamente como o ERE afetou e modificou a escola. Diante dos novos e velhos desafios, seguimos esperando e inventando modos de ensinar Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS

ALVIN, C. H. F.; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. “Uma experiência de construção do currículo escolar para a Educação Física: das amarras da tradição à tentativa de reorientação.” In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BONDÍA, J. L. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência.” **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 19, pp 20-28.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta pedagógica de Educação Física na Escola de Tempo Integral do Centro Pedagógico da EBAP/UFMG**. Belo Horizonte, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.